



SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

09/04/2004

1ª leitura (Antigo Testamento): Sabedoria 2:1,12-24 ou Isaías 52:13 – 53:12 ou Gênesis 22:1-18

O texto de Isaías já foi comentado no Domingo de Ramos e o de Gênesis foi comentado no segundo Domingo da Quaresma do ano B. Gênesis 22: 15-18 traz a fórmula da promessa da descendência que, junto com a promessa da terra, é um dos fios condutores de Gn 12-50. Dessa vez, vamos dizer algumas palavras sobre o texto da Sabedoria.

O terceiro texto para a Sexta-feira Santa se encontra num livro "deuterocanônico" (chamado de "apócrifo" nas igrejas evangélicas) chamado Sabedoria ou Sabedoria de Salomão (portanto não se encontra na versão Almeida, mas apenas nas versões ecumênicas ou católico-romanas da Bíblia). O livro de Sabedoria (como Eclesiastes 1,1) é atribuído indiretamente a Salomão (6:24 e 7:5), mas na verdade é um tratado de sabedoria feito na capital do Egito na época do reinado grego do Ptolomeu (sucessores de Alexandre Magno). Alexandria era um grande centro intelectual que reunia a filosofia grega e oriental. Muitos judeus que moravam lá, conhecidos como "judeus helenistas" tentaram, através da tradução dos textos sagrados hebraicos e da elaboração de novos textos, tornar o pensamento judaico aceitável aos gregos. Essa tentativa passava por harmonizar questões como a transcendência da alma de Platão com a Ressurreição do Corpo de Daniel (12:2-3), mas também passava pela crítica tanto a costumes gregos.

Nas teologias mais antigas da Bíblia, não era considerada a possibilidade da vida eterna sendo que a transcendência era vista principalmente através da descendência. A eternidade de uma vida seria igual à sobrevivência dos seus filhos e filhas e assim por diante para sempre (12.7; 13.15-16; 15.18; 16.10; 17.7-8 e aqui em 22.17). A promessa feita a Abraão é estendida a todas as nações da terra (v.18) dando-lhe caráter ecumênico (no sentido de "oikoumene" ou todo o mundo habitado).

A primeira parte do livro (capítulos 1-9) onde se encontra o texto para este dia trata justamente da sorte de justos e injustos após a morte. Primeiro faz a crítica às pessoas que acham que a vida não é transcendente, que se esgota em si mesma e se destina apenas ao "Hades" ("Xeol" hebraico) ou mundo dos mortos (2:1). A crítica se amplia do pensamento errado para as ações de desrespeito à vida perpetradas pelos que não entendem "os justos" que tem em Deus sua felicidade (v.12-20). Finalmente, indica que enquanto a



vida na justiça de Deus é incorruptível (eterna) o que desvalorizam a vida não fazem mais que se entregar à pior das mortes (v.21-24). Como isso o autor deixa claro que negar a transcendência da vida não é apenas negar a vida após a morte, mas negar o valor da vida como um todo. No entanto, a sensibilidade para a transcendência permite dar à vida seu sentido divino. Da mesma forma, a condenação de Cristo ("o justo"), longe de significar uma derrota foi transformada em fonte de Vida. Respeitar a Cruz é respeitar a Vida superando qualquer tipo de desrespeito tanto contra a humanidade quanto contra a criação. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – Hebreus 10.1-25

No dia de hoje, cristãos por todo o mundo se reúnem para lembrar o que ocorreu na cruz do calvário. Em todas as cerimônias o clima é sempre grave e triste. Normalmente nos cobrimos de dor ao relembra os passos de Jesus, durante a semana, e particularmente neste dia. Mas é possível encararmos este momento com outro sentimento. Além da reverência, este dia também nos desafia a esperar no que Deus vai fazer. Os três dias são o tempo necessário para que reflitamos que o aparente domínio da morte pode ser vencido por um ato de amor e de generosidade. E a aceitação deste ato será justamente apontada pela ressurreição de Cristo na Páscoa. O que Cristo realiza na cruz mudará a perspectiva do enfrentamento da morte.

No texto da epístola de hoje, o autor do livro dos Hebreus está, em virtude da volta de muitos judeus à fé judaica, argumentando acerca da superioridade de Cristo sobre o programa salvífico apresentado nos textos do Antigo Testamento. E neste texto em questão, ele nos fala da superioridade do sacrifício de Cristo. Ele argumenta sobre esta superioridade usando a idéia do sacrifício vétero-testamentário e mostrando suas fraquezas e limitações. Em função destas limitações e fraquezas, o que Jesus realiza é visto como algo superior. Pensando nisso, gostaríamos de meditar hoje sobre o seguinte tema: "A superioridade do sacrifício de Cristo".

O sacrifício de Cristo é superior, em primeiro lugar, por realizar o que a lei apenas apontava. (v.1) A palavra usada pelo autor neste versículo é interessante porque nos fala de uma sombra que é criada pela realidade, ou seja, de apenas um esboço que mostra os contornos desta mesma realidade, mas que é incapaz de mostrar a realidade como ela é. Este é o defeito das sombras. Elas são até capazes de falar da presença de alguém que se aproxima, mas não podem substituir essa presença. Elas possuem uma limitação essencial, não tem substância, são apenas um contorno imperfeito do real. Contudo, a vida e o sacrifício de Cristo são lidos pela Igreja primitiva



como o real que era prefigurado pelas "sobras" da antiga aliança. Uma vez que já gozamos da presença do "bem futuro", não precisamos mais das sobras. Elas são agora inúteis e desnecessárias.

O sacrifício de Cristo é superior, em segundo lugar, porque ele santifica e aperfeiçoa. (v. 10 e 14) É interessante notar que em Hebreus, as palavras, "santificação", "purificação" e "aperfeiçoamento", podem ser vistas praticamente como sinônimas. Não se fala aqui de "santificação" enquanto aquele processo que nos torna mais parecidos com Cristo. O que é descrito pelo autor aqui, é aquela posição que já temos, em função da nossa fé em Cristo e de nosso compromisso com sua cruz. A "santificação" e o "aperfeiçoamento" são aqueles "bens vindouros" de que fala o verso primeiro. A maior prova de que o sacrifício mosaico não tornava perfeitos os ofertantes, é que eles precisavam ser repetidos ano após ano. E, no entanto, em que pese sua constante repetição, eles eram incapazes para nos aperfeiçoar justamente porque não tiravam os pecados das pessoas (v. 4), Esta idéia é muito importante aqui. A superioridade da obra de Cristo consiste justamente no fato de que ela "tira" os pecados, ou seja, ela remove a cada um deles. Segundo alguns comentadores, esta palavra que é usada aqui para traduzir "tirar", nunca é usado no Novo Testamento e aponta justamente para um aniquilamento do pecado (9:26). Devemos considerar também que este verbo, estando no presente, aponta para uma ação contínua, ou seja, Cristo está sempre no exercício de sua atividade sacerdotal. Por isso, o verso 19 nos diz que por ele, ou seja, por sua carne, também temos acesso ao santuário.

Finalmente, o sacrifício de Cristo é superior, em terceiro lugar, porque perdoa definitivamente (v. 12, 18). Segundo a argumentação do autor de Hebreus, o antigo processo de purificação se revela incapaz de fazer o que pretende, principalmente, porque exige uma constante repetição deste processo. Contrariamente a esta realidade, a obra realizada por Cristo é superior porque foi realizada de uma vez para sempre, sendo assim, eterna. É superior também porque é única e plena em si mesma, não necessitando de reparação, e, além disso, porque agora ele está à direita de Deus, ou seja, ele teve seu sacrifício aceito e não precisa mais refazer continuamente sua obra. O raciocínio do autor é claro: onde já há remissão não precisa haver repetição (v. 18). O sacrifício de Cristo é tão superior aos sacrifícios do Antigo Testamento quanto à substância é superior à sombra.

A conclusão a que chega o autor é a seguinte: Uma vez que o sacrifício de Cristo é superior aos realizados por Moisés, porque abandonar este caminho? Devemos, pelo contrário, permanecer nos congregando (v. 25) e nos preparando para a maior consequência da superioridade do sacrifício de Cristo e de sua operação sobre nós - nosso encontro com ele. (JLFA)



Santo Evangelho: João (18.1-40) 19.1-37

O imerecido perdão de Deus: além de todo o sofrimento assumido livre e espontaneamente por Jesus (alguns revividos durante esta quaresma), Deus fez recair sobre o Servo Sofredor todo o pecado do mundo. Cumprindo a profecia de Isaías (53, 6ss), Ele foi crucificado sem proferir palavra alguma que demonstrasse ódio, rancor, arrependimento ou maldição. Ao contrário, sempre saíram de Sua boca palavras que ensinaram perseverança, prudência, reconciliação, misericórdia, amor e perdão. Somente através da "encarnação vicária" e do "perdão divino" é que nós temos pleno e gratuito (apesar de imerecido) acesso ao Reino de Deus. Pode ser até que cumprimos com as nossas obrigações (especialmente as religiosas), mas sendo incapazes de dar um "passo a mais" (denunciando a mentira, a injustiça e a falta de solidariedade) somos iguais aos "servos sem utilidade" (Lc 17,10).

Apêndice litúrgico

Tradicionalmente na Sexta-feira Santa nossa Igreja celebra dois ofícios como parte dos atos litúrgicos para lembrar a Paixão do Senhor: O Caminho da Cruz e o Ofício de Trevas. Além disso, era um dos dias recomendado e apropriado para o jejum (nas mesmas intenções da Quarta-feira de Cinzas). Igualmente dentro das possibilidades de cada pessoa/família, era recomendado comer peixe e abster-se de "atividades profanas" procurando observar o silêncio, a meditação e a participação nos ofícios que a Igreja oferece. O peixe lembra duas coisas: (a) o milagre da multiplicação, ou seja, a partilha dos bens e da vida (sugeridos durante este tempo a partir do **desafio quaresmal**, e (b) a origem grega da palavra **ICHTHYS** cujo acróstico cristão quer dizer: **Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador!**

O Caminho da Cruz: é o rito litúrgico para o Ofício das Quatorze Estações. Algumas comunidades costumam fazer uma peregrinação (dentro ou fora do templo) meditando e/ou contemplando (quando existem quadros) os fatos ocorridos com o Senhor Jesus a caminho da crucificação. Normalmente este culto inicia a partir das 9 horas, hora aproximada em que Jesus foi condenado à morte pelo Sinédrio e começa a Sua "via sacra".

O Ofício de Trevas: é o rito usado no culto que inicia a partir do meio-dia (momento em que Jesus foi pregado à cruz) e vai até às 15 h (momento em que Jesus "rende o espírito"). Sua liturgia oportuniza, além de uma profunda



reflexão sobre a agonia de Jesus pendurado no madeiro, momentos de meditação sobre as Sete Palavras da Cruz. Novamente é uma rica oportunidade para a Equipe de Liturgia preparar um belo ofício, tornando-o dinâmico, participativo e transbordante de espiritualidade, preparando a congregação para celebrar, com total entusiasmo e profusa alegria, a Festa da Ressurreição.

Ao final deste ofício as mulheres presentes (ou diretoria da UMEAB) retiram todos os paramentos do templo (incluindo objetos, flores e folhagens), o Ministro deixa o tippet entrelaçado na cruz e todos deixam o altar em silenciosa procissão. Estes gestos demonstram pesar, total desprendimento e tenebroso abandono do mundo às trevas, causado pela agonizante e trágica morte de Jesus. Algumas paróquias costumam manter o templo aberto das 6 h às 18 h, simbolizando a "dolorosa vigília" da Igreja aos fatos que levaram Nosso Senhor à morte na cruz para nos salvar.

Para facilitar a realização e a organização destes ofícios existem dois opúsculos especialmente preparados e publicados pela IEAB com a liturgia específica de ambos.

Vigília da Ressurreição: a partir das 6 h do Domingo (do latim *dies dominicu*: Dia do Senhor), tradicionalmente em jejum, celebra-se este culto, pois relata-nos São Lucas que "na madrugada do primeiro dia da semana, as mulheres foram ao túmulo para embalsamar o corpo de Jesus" (Lc 24,1), tarefa que não puderam completar por causa do início do **shabbat** (a partir do entardecer da sexta-feira). Esta celebração pode ser abrilhantada com dois atos litúrgicos de especial importância e de extrema beleza, devidamente preparados pela Equipe de Liturgia que deve buscar apoio e colaborações necessárias na comunidade para realizar:

- **a procissão do fogo novo**: o ministro (ou alguém previamente designado) adentrará ao templo (que estará completamente às escuras) carregando o círio pascal aceso (simbolizando a ressurreição) e cantando: - *A luz de Cristo!* e a congregação responde: - *Graças a Deus!*

Igualmente poderão ser distribuídas velas e, à medida que o ministro vai entrando processionalmente com o círio pascal as pessoas mais próximas ascendem suas velas e repassam o "fogo novo" aos demais irmãos e irmãs que, aos poucos, vai clareando o templo. Quando o círio chega ao altar ascendem-se todas as luzes e canta-se o *Glória in Excelsis* ou algum hino ou cântico apropriado.

- **a paramentação do altar**: como ato contínuo, as mulheres trazem todos os utensílios litúrgicos (retirados na Sexta-feira Santa) e paramentam o altar lembrando aquelas mulheres que "ao clarear do dia" foram ao sepulcro.



Os antipêndios de cor branca simbolizam a ressurreição e a pureza do “nova vida” ressuscitada em Cristo.

Chocolate comunitário: igualmente litúrgico e celebrativo é costume, em algumas comunidades, servir após a celebração da “vigília da ressurreição” uma gostosa refeição de desjejum e troca carinhosa de felicitações a partir da participação na gloriosa ressurreição de Jesus Cristo que traz “vida em abundância” (Jo 10,10) para todas as pessoas. (RH).